

Tradução por André Becker Saidenberg

Sumário

- 2 Mensagem do Diretor - Jamie Gilardi
- 3 10 anos – Arara-de-garganta-azul
- 8 Muito poucas – *Cacatua sulphurea*
- 12 Perfis na Conservação - Stewart Metz – Projeto Psitacídeos da Indonésia
- 14 Uma história de dois periquitos - DPP – Maurício e Nova Zelândia
- 18 PsittaNews – Eventos e notícias
- 19 Contatos do WPT
- 20 Psitacídeos na natureza - Kakariki

Mensagem do Diretor

As Araras-de-garganta-azul, *Cacatuas sulphurea*, e Papagaios-do-Congo são aves extremamente diferentes, mas tem uma coisa em comum. Foram todas amadas até a quase extinção pelos humanos. As araras foram devastadas nos anos 70 e 80, as cacatuas nos 80 e 90, e os Papagaios-do-Congo, sinto informar que a destruição ainda está ocorrendo atualmente.

Acredito que você irá gostar das histórias sobre o nosso trabalho na última década para salvar as Araras-de-garganta-azul e sobre nosso primeiro ano de trabalho com a *Cacatua sulphurea*.

Muitos de vocês sabem que o Papagaio-do-Congo tem estado nas notícias ultimamente conforme o seu destino estava sendo decidido pelo secretariado da CITES na Suíça. A poeira ainda não baixou, mas pensei em compartilhar duas notícias, uma boa e uma ruim.

Primeiro as boas notícias: ao sabermos que a CITES iria revisar a suspensão sobre o comércio nos Camarões e talvez no Congo, achamos que os admiradores de psitacídeos poderiam querer fazer a sua opinião ser conhecida. E como! Utilizando todas as maneiras que poderíamos planejar, espalhamos a notícia, e dentro de 9 dias, tivemos mais de 41.000 assinaturas de pessoas de mais de 139 países!

Eu não posso descrever o quão encorajador foi ver esse tipo de entusiasmo sincero e imediato, para impedir o comércio de Papagaios-do-Congo selvagens.

As más notícias: ignorando os cientistas, o público, e suas próprias regras, a CITES reabriu as exportações no Camarões para o total de 3.000 aves por ano. O mesmo aconteceu anteriormente com as *Cacatuas sulphurea*.

Dezenas de milhares de papagaios continuaram a ser capturados enquanto a CITES contemplou as restrições de comércio. De maneira similar, mais de 80.000 papagaios foram retirados da natureza desde que a revisão da CITES sobre esse comércio se iniciou mais de 10 anos atrás. Com sorte não é muito tarde para salvar tanto o Papagaio-de-Timneh e o

Papagaio-do-Congo, mas para fazer isso, todo o comércio legal deve ser terminado com a maior prioridade possível.

Obrigado pelo seu apoio e, por favor, fique atento para outras maneiras de atingir esse objetivo no próximo ano.

Jamie Gilardi
Diretor

Nas capas

FRENTE

Assim como outras cacatuas brancas, a *Cacatua sulphurea* (nesse caso a *Cacatua sulphurea parvula*) é escandalosa e sua plumagem de um branco brilhante as torna relativamente fáceis de detectar e seguir, mesmo sem binóculos. As pesquisas com essas aves raras em diversas ilhas da Indonésia indicam que as populações selvagens estão sob uma ameaça crescente. Leia “Muito poucas”, na página 8. © Mehd Halaouate

Verso

Um Kakariki (*Cyanoramphus novaezelandiae*) na Ilha Tiritiri Matangi, Nova Zelândia. Os periquitos vêm relativamente baixo ao nível do solo quando se alimentam de flores nativas. Esse comportamento proporciona aos pesquisadores uma grande oportunidade para capturar e amostrar indivíduos para a Doença do Bico e das Penas (DPP). Leia “Uma estória de dois periquitos”, página 14. © Steve Murphy

10 Anos – Arara-de-garganta-azul

Responder à questão de “Quantas Araras-de-garganta-azul existem?” não é fácil. O seu habitat, a savana sazonalmente inundada no norte da Bolívia, é difícil de acessar e as aves podem se espalhar por áreas relativamente grandes apesar de sua distribuição limitada. Ainda assim, tentativas foram feitas para determinar os seus números baseando-se em pesquisas sobre as aves encontradas. No começo dos anos 80 a informação dos habitantes locais resultou na estimativa de 500 a 1000 indivíduos.

No entanto, pelo final dos anos 80, as aves haviam desaparecido. Em 1992 Jordan e Munn descobriram uma pequena população que proporcionou o ponto de partida para as esperanças de expandir a área de distribuição da espécie. Desde então, pesquisas independentes revelaram números consistentemente mais baixos de aves sendo observadas e as estimativas populacionais são de 120-200 indivíduos.

Embora seja difícil utilizar as informações limitadas de censos para determinar o tamanho populacional através dos anos e entre locais diferentes, existe suficiente evidência que mostra a densidade criticamente baixa da Arara-de-garganta-azul, confirmando, portanto, o status de criticamente ameaçada para essa espécie, e a tornando com certeza um dos psitacídeos mais raros.

Desde 2002, preservar a população selvagem remanescente de *Ara glaucogularis* tem sido o objetivo de um intenso e contínuo projeto do World Parrot Trust. Esse projeto se desenvolveu um complexo programa de conservação, compreendendo não somente censos populacionais e buscas por locais adicionais onde se encontram Araras, mas também com componentes de investigação do habitat, proteção direta de ninhos naturais e contatos com grupos locais e nacionais.

Ameaças e ações

Nosso projeto com a Arara-de-garganta-azul se concentra em ações diretas de conservação direcionadas em prover soluções de longo prazo. Mas primeiramente tivemos que identificar as ameaças enfrentadas pelas araras e montar planos para lidar com cada um destes fatores limitantes.

Comércio de aves capturadas.

O tráfico é uma ameaça a muitas espécies de psitacídeos, que são particularmente vulneráveis a super-exploração devido às suas baixas taxas reprodutivas. O potencial do comércio de aves selvagens para destruir rapidamente as últimas populações selvagens de Araras-de-garganta-azul é um problema sério garantindo atenção imediata.

A intensidade do comércio com as Araras-de-garganta-azul durante o final dos anos 70 e começo dos 80 é provavelmente o principal fator responsável pelos baixos números populacionais atuais. Felizmente, os incidentes relatados de comércio ativo durante nosso tempo a campo tem sido mínimos, provavelmente devido aos baixos números da espécie, seu status de proteção na Bolívia, e nossa presença através de seus territórios de nidificação.

Falta de cavidades

Cavidades naturais de qualidade provaram ser um fator bastante limitante identificado logo no início. Com o passar do tempo experimentamos com uma variedade de caixas-ninho para determinar o que as aves iriam aceitar e usar com sucesso. Nós tentamos uma variedade de materiais, orientações, formas, tamanhos e dimensões de aberturas. As araras investigaram curiosamente todos os modelos e no final elas fizeram posturas na maior parte em caixas verticais de madeira com grandes aberturas. Nós temos agora ninhos artificiais em todas as áreas que sabemos que as Araras-de-garganta-azul estão procriando.

Desde 2007, 4 casais utilizaram as caixas-ninho em onze diferentes tentativas. Não somente os ninhos preenchem uma necessidade muito necessária para as aves selvagens, eles também são mais seguros do que a maior parte das cavidades naturais, e são menos propensos a predação. As abelhas também são um problema menor com caixas artificiais, especialmente aquelas feitas de PVC, porque as abelhas tendem a abandonar os ninhos depois de alguns poucos meses. Ninhos artificiais também são mais fáceis e seguros para os cientistas para proteger e acessar, minimizando a perturbação ao redor do ninho.

Falha em nidificar:

Os ninhos não tem sucesso por uma diversidade de razões. A predação tem sido historicamente nosso problema número 1. A busca por soluções é desafiadora já que pode ser difícil identificar os predadores. As defesas contra predadores agora estão instaladas em todos os locais de nidificação. Essas podem ser tão simples quanto metal liso enrolado ao redor dos troncos das árvores e galhos podados para evitar que predadores subam.

Manter um nível alto de monitoramento diário pelos voluntários também é uma ótima defesa contra predadores. Nós também instalamos câmeras de vigilância e de acionamento dentro dos ninhos para identificar os visitantes. Nós obtivemos um número surpreendente de visitantes ao redor dos ninhos – mais frequentemente enormes baratas, juntamente com sapos e morcegos.

De modo a ajudar os pais na sua defesa dos ninhos também procuramos reduzir o tempo que eles necessitavam estar forrageando muito longe. Nós fizemos isso ao oferecer grande quantidade de frutos da palmeira Motacú, um alimento natural favorito, perto de alguns dos ninhos em atividade. Devido a isso, 2010 foi o primeiro ano na história do monitoramento das araras que nenhum ninho sendo predado.

Inundações: As chuvas podem algumas vezes ser implacáveis – com algumas estações sendo atormentadas por dias de chuva torrencial. No passado, algumas cavidades foram preenchidas com água destruindo os ovos ou filhotes. Felizmente nós identificamos todos estes ninhos com tendência a inundar e criamos furos para drenagem ou tetos para proteger as aves desse perigo natural significativo. Para nosso deleite, nenhum ninho inundou desde 2008.

Berne: Quando os ovos da mosca da berne eclodem em uma arara, sua larva parasite se alojam embaixo da pele. Elas são geralmente benignas, especialmente para as espécies maiores. No entanto, nós perdemos filhotes muito jovens (aproximadamente de 5 dias) devido às larvas. Nós também tivemos filhotes mais velhos (aproximadamente 45 dias) infestados e nesse caso, é possível para nós tirarmos as larvas sem machucarmos os filhotes.

Redução do número de filhotes: Um fator natural que limita a recuperação da Arara-de-garganta-azul é conhecido como redução no número de filhotes que sobrevivem. É um resultado comum da assincronia normal de eclosão em psitacídeos. Isso acontece quando aqueles filhotes que eclodem primeiro e são maiores e mais fortes, acabam por competir com os filhotes menores que nasceram mais tarde (veja fotos na página 4 e 6). Embora criar apenas um filhote possa funcionar para outras espécies, não é o suficiente para recuperação nesse caso!

Em resposta a isso, nós monitoramos os ninhos diariamente, identificamos qualquer filhote que necessite de auxílio, e os ajudamos através da alimentação manual. Graças a nosso manejo, desde 2007, nenhum filhote morreu devido à redução do número de filhotes e nós aumentamos a média de filhotes saindo do ninho por ano de um para dois.

Planos para o futuro

A realidade é que a Arara-de-garganta-azul é agora uma “espécie dependente da conservação”. O que significa que acreditamos que esta população não pode se recuperar sem uma significativa ação de conservação proativa. As ações incluem, mas não são

limitadas a, todas as táticas que empregamos na última década para aumentar a disponibilidade de locais para nidificar, proteger os ninhos em atividade contra predadores, aumentar a sobrevivência dos filhotes, e estabelecer áreas protegidas.

Em adição a isso nós iremos focar a nossa atenção em alguns novos esforços nos próximos anos.

a) Para garantir a variação genética de longo prazo para a *Ara glaucogularis* na Bolívia, nós estamos estabelecendo um programa de reprodução em cativeiro e soltura. As aves serão criadas em um criatório in situ e soltas em uma área protegida do governo com a aprovação do governo boliviano.

b) Para determinar a prioridade dos locais de soltura e as aves candidatas para cada local, nós estaremos analisando a variabilidade genética nos indivíduos selvagens e em cativeiro, e identificando os locais potenciais para soltura baseados na qualidade do habitat disponível e as ameaças atuais.

c) Para compreender melhor como essa espécie está utilizando o habitat, nós iremos usar o monitoramento por telemetria e satélite. As savanas de Beni permanecem inundadas por seis meses todo ano, tornando impossível seguir os bandos durante o período não reprodutivo. Como resultado, nós não temos informações sobre o deslocamento das aves. Saber onde as aves estão durante o resto do ano irá nos auxiliar a propor áreas protegidas para as araras.

d) Para aumentar a consciência e apoio para a espécie dentro da Bolívia e internacionalmente, nós iremos desenvolver e distribuir materiais impressos e online, artigos em jornais populares e verificar a efetividade do material distribuído.

Através dessa década passada, esforços contínuos e coletivos, muitas descobertas importantes foram feitas sobre o habitat das araras, sua ecologia reprodutiva única, e os problemas limitando sua recuperação. Os fatores principais incluem a proteção e manejo dos ninhos naturais, a restauração de áreas de habitat selecionados que foram afetadas pela agropecuária, e a educação das partes interessadas em determinar estratégias de manejo de longo prazo.

O futuro desta espécie será determinado pelas ações que tomamos dentro dos próximos anos. Ação imediata é urgente e a necessidade é grande. Nós agradecemos e damos boas vindas ao apoio em ajudar a salvar essa espécie criticamente ameaçada.

Contribuidores: Igor Berkunsky, José A. Díaz Luque, Federico P. Kacoliris, Gonzalo Daniele, Steve Milpacher, James D. Gilardi, e Steve Martin. *Editado por* Joanna Eckles

Status: Criticamente ameaçada. Encontrada somente das savanas inundadas sazonalmente ao norte da Bolívia.

População na natureza:

115-120 indivíduos.

Atividade reprodutiva:

10-15 casais em reprodução por ano.

Objetivo do projeto: A espécie foi redescoberta na natureza em 1992. Desde 2002 trabalhos de conservação intensivos foram conduzidos pelos biólogos do WPT de modo a identificar e resolver os parâmetros críticos atrasando a recuperação da população.

Fotos:

O World Parrot Trust tem mantido uma equipe de campo na Bolívia desde 2002 – trabalhando para preservar a Arara-de-garganta-azul, uma espécie criticamente ameaçada. Acima, o líder de projeto Igor Berkunsky verifica a saúde de um filhote.

From the top:

Chicks nearly ready for fledging; the day of fledging from a natural nest; a plump, healthy chick at 2 months; success with nest-boxes; installing a PVC box takes teamwork.

Começando na parte superior:

Os filhotes quase prontos para deixar o ninho; o dia da saída para o primeiro voo em um ninho natural; um roliço e saudável filhote com 2 meses; sucesso com as caixas-ninho; instalando uma caixa de PVC requer trabalho de equipe.

Estórias favoritas sobre a Arara-de-garganta-azul

No final de 2005, nós estávamos observando de perto um dos poucos casais bem sucedidos de araras. Eles nidificaram em uma cavidade singular com uma fenda pouco comum do lado e com múltiplas entradas, e seu filhote estava em condições magníficas, em uma semana ou duas antes de sair voando. Normalmente, após os psitacídeos alimentarem seus filhotes no meio da manhã, a maior parte irá voar uma longa distância para se alimentar, descansar, etc. Mas neste dia, os adultos ficaram próximos do ninho.

Foi fascinante observá-los relaxando e se limpando mutuamente e evidentemente estarem aproveitando a companhia um do outro. Em um determinado momento, a fêmea inclinou-se em direção ao seu companheiro e descansou sua cabeça em suas costas e os dois ficaram empoleirados sem se mexer. Para completar essa cena cativante, os pais podiam ver o filhote no ninho...e o filhote os podia ver.

Talvez nós nunca saibamos o que motiva esses psitacídeos a formarem esses laços tão poderosos - e algumas vezes mantê-los por décadas. E embora seja geralmente errado projetar emoções humanas em qualquer animal, eu estava simplesmente emocionado de ter tido essa breve e encantadora visão do mundo íntimo de uma família de psitacídeos selvagens. Eu fui embora pensando que existia alguma coisa sobre a calma satisfação dos adultos com seu relacionamento, seu ninho, e seu filhote que me deu esperança de que essas aves criticamente ameaçadas ainda podem se recuperar da beira da extinção.

- Jamie Gilardi, Diretor do WPT

Não era um dia normal. Um técnico da Agência Nacional de Recursos Naturais estava supervisionando nosso trabalho de modo a aprovar nosso Centro de Resgate. Nós decidimos visitar um local onde frequentemente tínhamos boa sorte em encontrar araras. Nos aproximamos a pé, andando atrás de algumas palmeiras quando escutamos um grupo de Araras-de-garganta-azul atrás do curral.

A primeira coisa que percebemos foi a voz de jovens no bando. E assim se concretizou, o primeiro grupo que avistamos era uma família de 5 – os pais e três juvenis! Através dos binóculos as aves eram tão magníficas à luz do amanhecer! Nós olhamos mais perto e sim! Todos os três jovens estavam anilhados, as suas anilhas brilhavam à luz do sol.

Ficamos tão animados. Não existe uma visão melhor para mostrar, especialmente para um técnico observando pela primeira vez as Araras-de-garganta-azul.

Nós começamos a escanear as árvores e encontramos mais aves! Para nossa surpresa elas também estavam anilhadas! Em uma única árvore nós tínhamos 7 aves anilhadas e outro casal de adultos! Então escutamos outra vocalização a 100m de distância e ali, empoleirado em um dos ninhos artificiais, estava outro casal.

Não posso imaginar uma melhor situação que poderia resumir todos nossos esforços de conservação com as Araras-de-garganta-azul. Todas aquelas aves anilhadas que tínhamos tido tanto cuidado – algumas alimentamos, outras estavam infestadas por larvas de berne que removemos. E aquele casal utilizando a caixa ninho...foi tão maravilhoso.

-Igor Berkunsky – Líder do Projeto da Arara-de-garganta-azul desde 2007

Quando me juntei ao projeto da Arara-de-garganta-azul em 2008, tudo que tinha em mente era uma incrível paixão por psitacídeos. Eu estava realmente animada em estar envolvida como voluntária com a equipe na Bolívia.

A primeira estação reprodutiva foi difícil com condições desfavoráveis levando a poucos psitacídeos, incluindo as Araras-de-garganta-azul, a reproduzir em qualquer local nessa área. Eu estava tão feliz em retornar em 2009. Tínhamos grandes esperanças para a nova estação. E assim ocorreu, as coisas ficaram animadoras rapidamente. Encontramos ninhos tão logo a estação havia começado.

Dois de três ovos eclodiram do ninho que eu estava monitorando. No começo, os pais alimentaram ambos filhotes, mas logo, o desenvolvimento do menor começou a se atrasar. A possibilidade de que este filhote pudesse morrer era grande. Era um momento crítico – nós necessitávamos ajudar o filhote ao fornecer papa. Se não fizéssemos, ele iria morrer.

No entanto, se ajudássemos esses filhotes pequenos durante esse período crítico, os pais frequentemente voltam a alimentá-los. E foi exatamente o que ocorreu! Tão logo o pequeno conseguiu “lutar” com seu irmão quando os pais vinham alimentar, ele começou a se desenvolver bem. Logo começamos a ver ambos filhotes na entrada do ninho olhando para fora. Era um novo mundo para eles lá fora. Levou um longo tempo para ambos estarem

confortáveis, mas finalmente, quatro meses depois que encontramos os ovos, ambos filhotes saíram voando, com dois dias de diferença.

É impossível descrever como me senti quando vi aquele pequeno filhote que ajudamos, sair voando do ninho. Foi uma experiência magnífica todo o processo de encontrar um ninho com ovos até a saída do ninho!

Em nosso último dia a campo, estávamos viajando a cavalo até uma fazenda de gado, onde o avião iria nos buscar. Ali eu vi os pais e ambos filhotes voarem para a floresta. Eu podia ver todos os quatro, voando livres. Tenho certeza que estavam nos dizendo “muito obrigado”. Foi definitivamente um dos melhores momentos que eu já tive trabalhando a campo!

-José Antonio Díaz Luque, Assistente de campo, Projeto Arara-de-garganta-azul.

Eu me lembro da primeira vez que fizemos uma Arara-de-garganta-azul voar pela primeira vez livremente! Elas voam magnificamente e são maravilhosas adições para nossos shows educativos. Elas realmente utilizam os céus conforme voam alto acima do anfiteatro.

Elas também são um dos psitacídeos mais destrutivos de nossa coleção! Elas mastigam qualquer coisa. Os ramos, poleiros de madeira, e brinquedos que proporcionamos são modificados ou destruídos em minutos! As caixas ninho para as aves reprodutoras tem que ser refeitas a cada ano.

Porém, a coisa mais incrível para mim é o quão rápido uma Arara-de-garganta-azul pode destruir sua gaiola. Para as araras, os parafusos especiais segurando suas gaiolas são pouco mais do que um item de enriquecimento levemente desafiador. Quase todos os casais em nossos shows sabem como remover parafusos. Um casal removeu mais de 20 parafusos em menos de uma hora! Nós modificamos suas gaiolas de modo que os parafusos estejam todos do lado de fora. Ainda assim, isso não as impede de colocar seus bicos através da grade para alcançar os parafusos ou para abrir a trava e abrir a porta.

As Araras-de-garganta-azul também tem a tendência a agressividade após alguns anos. Elas são psitacídeos difíceis com certeza. Mas, são incrivelmente bonitas, inteligentes e espetaculares em voo. Eu também estou ansioso pelo dia em que nossas aves retornem a sua terra nativa e voem pelos céus da Bolívia

- Steve Martin, Natural Encounters, Inc.

A estação reprodutiva de 2007-2008 foi a melhor até o momento com uma sobrevivência sem precedentes de 2 e 3 filhotes por ninho. Abaixo está a primeira família de 5 Araras-de-garganta-azul já relatada (Janeiro de 2008).

Muito poucas – Salvando as *Cacatuas sulphurea*

Escrito por Dudi Nandika e Dwi Agustina (Konservasi Kakatua Indonesia)

Contribuidores: Stewart Metz (The Indonesian Parrot Project), Jamie Gilardi, Mehd Halaouate e Steve Milpacher (World Parrot Trust)

Pode ser difícil para qualquer entusiasta de psitacídeos imaginar que uma cacatua branca com crista amarela possa estar criticamente ameaçada, dada a abundância das *Cacatua galerita*. No entanto, enquanto que a espécie de psitacídeo mais icônica da Austrália está prosperando, uma das suas parentes mais próximas, a pequena *Cacatua sulphurea* está em sério declínio e é agora considerada um dos psitacídeos mais raros do mundo.

O futuro da criticamente ameaçada cacatua é incerto. Nos últimos 40 anos ela sofreu massivos declínios populacionais, estimados em mais de 80%. Enquanto que seu requerimento de habitat tem se mostrado de alguma maneira serem flexíveis, seu declínio se deve quase inteiramente à exploração insustentável para o comércio.

O desmatamento em larga escala e a conversão de florestas em áreas agrícolas por toda sua área de distribuição exacerbou ainda mais a sua perda. Na verdade, na Ilha de Sumba, no passar dos últimos cem anos, o declínio em números de cacatuas se igualou de perto à perda do habitat. O uso de pesticidas desde 1989 é mais uma ameaça em potencial.

O World Parrot Trust (WPT), se uniu aos esforços em andamento do Projeto de Psitacídeos da Indonésia (IPP), e Konservasi Kakatua Indonesia (KKI), iniciando um esforço de colaboração de vários anos para estudar e conservar a *Cacatua sulphurea*. Nosso esforço combinado para salvar essa espécie ameaçada se concentra primariamente em:

- Pesquisa de campo direcionada a reunir uma melhor compreensão da ecologia da espécie e como ela utiliza seu ambiente;
- Trabalhos de censos para determinar os números atuais de aves remanescentes na natureza.
- Esforços educacionais para alcançar as pessoas dos povoados locais tanto para ajudá-los a entender o valor de manter essas aves na natureza e ao mesmo tempo engajá-las para participarem de nosso trabalho. Ao educar a comunidade local nós esperamos ajudar os pesquisadores e equipes locais do parque para melhor proteger as aves.

Os membros das equipes de todas as três organizações contribuíram para esse trabalho. A maior parte do trabalho em campo foi levada pela equipe de campo consistindo de Dudi Nandika e Dwi Agustina, pesquisadores da Indonésia, assim como Mehd Halaouate, guia profissional de campo e o Diretor do programa da Indonésia para o World Parrot Trust.

A equipe iniciou pesquisas com a *Cacatua sulphurea* de modo a obter novas informações sobre a população selvagem remanescente e para entender as necessidades de conservação para essa espécie sobreviver. Infelizmente, o que encontramos foi significativamente menos aves do que foram relatadas em pesquisas nos últimos 10 anos.

A campo

Existem quatro subespécies geralmente aceitas (três subespécies são endêmicas da Indonésia e uma subespécie é compartilhada com Timor Leste): 1) *C. s. sulphurea*, a principal espécie, encontrada em Sulawesi; 2) *C. s. parvula*, encontrada em Nusa Tenggara (uma cadeia de ilhas em forma de colar na parte sul da Indonésia) com a maior população nas Ilhas Komodo; Rinca e também em Timor Leste; 3) *C. s. abbotti* encontrada somente na Ilha Masakambing no centro do mar de Java; e 4) *C. s. citronocristata* encontrada somente na Ilha de Sumba (mapa na página 9).

Os primeiros estudos começaram em Setembro de 2011 quando uma equipe da KKI/IPP viajou para Masakambing. Em Janeiro e Fevereiro de 2012 eles foram para Sumba. Uma outra viagem de Março a Junho incluiu Dudi e Dwi (KKI/IPP) juntamente com Mehd e Jamie Gilardi (WPT). Eles viajaram muitas centenas de milhas por ar, barco e a pé, visitando várias ilhas na Indonésia para determinar o status atual destas aves.

Parque Nacional de Komodo, Nusa Tenggara Leste: É aqui que talvez a maior densidade de *Cacatua sulphurea* ainda possa ocorrer. As análises de mapas por satélite demonstram que em todas as áreas visitadas, é nesta ilha que áreas remanescentes de floresta ainda podem ser encontradas.

A coisa mais irônica sobre a população de cacatuas nessa ilha é que ela se beneficiou da proteção e conservação dos Dragões de Komodo (*Varanus komodoensis*). Os filhotes de cacatua com certeza estão no cardápio dos jovens dragões durante o período reprodutivo, já que os répteis passam toda a sua vida como jovens vivendo nas árvores evitando serem devorados pelos adultos.

É fácil para um jovem dragão entrar uma cavidade de ninho e se alimentar de qualquer coisa encontrada dentro. Esforços futuros para proteger os psitacídeos irão sem dúvida se beneficiar de trabalhos para proteger os locais de nidificação dessa pressão de predadores.

Ilha Pasosod, Sulawesi central: Essa ilha possui uma das melhores possibilidades para o futuro da espécie. As aves ainda são encontradas com relativa abundância e o que é mais importante, podem ser protegidas com mínimo de recursos e trabalho. A melhor maneira de atingir isso é envolver as cinco famílias que vivem na ilha com o trabalho de conservação.

Assim como nas Ilhas Komodo, a cacatua se beneficia de um programa local de conservação na relacionado – um projeto com tartarugas marinhas que já está em prática. Ao contrário de Komodo, com sua famosa população de lagartos predadores, as tartarugas não oferecem riscos para as cacatuas.

Parque Nacional Manupeu Tanah Daru & Floresta Poronombu em Sumba, Nusa Tenggara Leste: Em alguns locais de Sumba as populações de cacatuas ainda estão bem o suficiente para se proceder com o trabalho de campo de conservação. Implementar maneiras de aumentar os esforços reprodutivos das aves e proteger os locais de nidificação são altas prioridades. Árvores adequadas para nidificar são muito poucas e a competição entre diferentes espécies de aves é alta.

Em outros locais tais como a Floresta de Poronumbu, o principal problema é que a floresta está fora dos limites do Parque Nacional. Ainda que as cacatuas sejam protegidas, as árvores para nidificar e para se alimentar não estão, e algum desmatamento ainda está sendo feito para uso local na construção de casas.

Dessa maneira, os números de *Cacatua sulphurea* aqui podem não aumentar e as aves podem desaparecer desta região. A única maneira de salvar a floresta de Poronumbu é declarar a região como uma Reserva Natural já que é muito pequena para ser considerada como Parque Nacional.

Outro fator que sem dúvida irá afetar a população de cacatuas são as mudanças na agricultura ocorrendo por toda Sumba, onde cada pedaço de terra é transformado em arrozais e o arroz está se tornando a principal dieta da Ilha. Enquanto que o milho, mamão e outros alimentos serviram previamente como suplementos na dieta das cacatuas, estes alimentos estão cada vez mais e mais limitados em quantidade. Sem eles, as aves terão que depender inteiramente no que a reduzida floresta tropical produz.

Ilhas Masakambing, Masalembu, Leste de Java: No passar dos últimos 15 anos, a população da *Cacatua Abbott* (*Cacatua sulphurea abbotti*) vacilou de somente 5 a 10 indivíduos, provavelmente a tornando a cacatua mais rara do mundo. A pesquisa de campo de Setembro a Novembro de 2011, e depois em 2012, encontrou 15 cacatuas, um claro aumento incluindo 5 casais (aparentemente pareados), um “adolescente” macho e dois jovens.

Os trabalhos educacionais em andamento nas ilhas iniciados pela KKI/IPP incluindo visitas à escolas, pôsteres, e apresentações à comunidade, parecem estar funcionando à medida que a população das aves permanece intacta, e muito vagarosamente em aumento.

Ponto de vista para o futuro

Em algumas ilhas a perspectiva para a *Cacatua sulphurea* é mais desesperadora do que em outras. Priorizando quais áreas deve-se concentrar primeiramente é vital e ao mesmo tempo uma decisão difícil de fazer. Em alguns locais existem tantos fatores afetando as aves que a conservação da espécie nesses locais pode ser quase impossível de ser feita.

Tal como indicado, a situação parece ser bem pior do que previamente se conhecia, tal como em Sulawesi. Os resultados desta pesquisa de campo estão sendo utilizados para formular e implementar outros esforços para conservação nas localidades chave onde se pode ter o maior impacto. Esses esforços deverão incluir:

Pesquisa de campo: Conduzir contagens para estabelecer os censos das populações selvagens, determinar a disponibilidade de alimentos e uso do habitat, e determinar as causas do baixo sucesso reprodutivo.

Envolvimento/educação da Comunidade: Implementar um programa CCO (Conservação, Consciência ambiental, e Orgulho) para crianças e adultos em diversas ilhas, coordenando o programa e determinando a resposta. Esses esforços originados pela IPP e KKI demonstraram ser maneiras essenciais e efetivas de afetas as atitudes locais em favor da proteção das cacatuas e afastando a ideia de vê-las como um recurso a ser explorado.

Conservação: Maximizar o potencial reprodutivo da espécie através da implementação de protocolos para evitar predadores de ninhos, manutenção dos ninhos naturais para evitar

perdas devido à inundação e desmoronamento, e proporcionar ninhos artificiais para aumentar a disponibilidade de ninhos como um todo. Também objetivamos aumentar a capacidade dos locais ao treinar pesquisadores e participantes do projeto da comunidade.

Diminuir o comércio ilegal de aves selvagens: Ao recrutar equipes de conservação locais, oficiais da lei, e líderes das vilas para colaborarem conosco nos esforços para enfatizar os problemas resultantes da captura não sustentável e a necessidade vital de suprimir isto.

As espécies de psitacídeos enfrentando a extinção iminente não estão isoladas nas regiões selvagens da América Central e do Sul, sendo encontradas por todas as regiões biogeográficas onde os psitacídeos são encontrados.

A equipe do IPP/KKI e WPT estão provando que programas *in situ* em nações em desenvolvimento pode causar uma mudança significativa para lidar com o declínio de espécies ameaçadas e em risco de extinção, com recursos relativamente limitados, e através da colaboração e parcerias construídas a nível local.

A *Cacatua sulphurea* e suas subespécies irão requerer auxílio contínuo de muitas organizações para garantir que os números populacionais sejam estabilizados e as populações futuras estejam protegidas. A IPP/KKI e WPT estão comprometidos em apoiar o trabalho necessário para atingir este objetivo.

Agradecimentos: Esse importante trabalho em 2011/12 foi possível através do excepcional apoio financeiro da Fundação para Conservação Ocean Park (Hong Kong) e o Fundo para Conservação Mundial Disney.

Cacatua-de-crista-amarela

(*Cacatua sulphurea* sp.)

Extremamente raras. Atualmente classificadas pela IUCN como Criticamente Ameaçadas com declínios populacionais estimados em mais de 80%. A espécie principal e todas as suas subespécies relacionadas foram reduzidas a pequenas populações remanescentes de apenas algumas centenas de aves espalhadas através da Indonésia.

Três subespécies, *sulphurea*, *abbotti*, e *citronocristata*, são as mais ameaçadas. As ameaças incluem a exploração para o comércio de aves e desmatamento para madeiras e agricultura. A subespécie *parvula* está um pouco mais saudável apesar de que a população provavelmente permanece abaixo de 1000 indivíduos.

Fotos:

(Sentido horário a partir do topo) Um casal de *Cacatua sulphurea abbotti* inspeciona uma cavidade na árvore;

C. s. citronocristata empoleiradas e vocalizando na Ilha de Sumba;

C. s. parvula em Nusa Penida, uma ilha na costa sul de Bali;

Pesquisadores Dudi Nandika e Dwi Agustina observam um Dragão de Komodo na Ilha de Komodo - onde as cacatuas parecem estar sobrevivendo relativamente bem.

(Página oposta)

C. s. abbotti

(Sentido horário a partir do topo)

Um programa educacional chamado C-C-O (Conservação, Consciência ambiental, Orgulho) envolve tanto jovens quanto adultos.

Uma visita à escola de Sumba;

C. s. parvula em Nusa Tenggara;

Ninhos artificiais em construção - Sumba.

(Página oposta)

C. s. parvula

Herói da Conservação – Stewart Metz

Stewart Metz é médico há 32 anos, tendo graduado com honras da Universidade de Yale e Escola de Medicina de Yale. Ele recebeu o cargo de Professor em Medicina em duas grandes Universidades antes de deixar a medicina em 2001 para se dedicar aos psitacídeos – especificamente seu bem-estar em cativeiro e conservação na natureza.

Em 2002 Stewart foi nomeado como Diretor e Diretor executivo do **Projeto Psitacídeos da Indonésia** (então chamado de Projeto de Observação de Aves), uma Organização não governamental dedicada à conservação de psitacídeos na Indonésia.

Qual foi sua primeira experiência com psitacídeos? Eu estava visitando um “zoológico de psitacídeos” em Miami com minha família. Todas as aves eram magníficas, mas eu rapidamente fiquei cativado pela Cacatua-das-Molucas (*Cacatua moluccensis*).

Então, após seis meses estudando sobre cuidados de psitacídeos, especialmente de cacatuas, eu obtive minha primeira ave, uma Cacatua Alba. Um ano mais tarde, eu levei para casa “China”, uma Cacatua das molucas que teve um enorme impacto mudando os objetivos de minha vida em direção a conservação de psitacídeos.

Como você soube sobre os desafios em relação ao bem-estar que os psitacídeos em cativeiro enfrentam? Eu rapidamente reconheci suas necessidades especiais em cativeiro. Eu também vi que muitas dessas criaturas sencientes não estavam sendo tratadas bem em cativeiro.

Minhas ideias iniciais eram de se concentrar na educação e em promover novas leis proporcionando pelo menos os mesmos cuidados mínimos que são dados a cães e gatos. Minha primeira incursão nesses assuntos incluiu formar a “Aliança Mundial para Bem-estar de Psitacídeos” em 2001, com o apoio e ajuda de Jamie Gilardi e do World Parrot Trust. Essa ação, embora com tendo sucesso, abriu meus olhos para mais problemas.

Você se concentrou primeiramente no bem-estar de psitacídeos em cativeiro ou psitacídeos selvagens?

Eu primeiro tive contato com os problemas em se manter psitacídeos em cativeiro, mas eu vi uma oportunidade maior de fazer a diferença no meio selvagem, especialmente na Indonésia onde tão pouco, comparativamente falando, havia sido feito. Quando eu descobri que a então a nascente internet proporcionava virtualmente nenhuma informação sobre o status das cacatuas selvagens da Indonésia, eu pensei que poderia haver um papel para mim ali.

Nos conte sobre suas viagens para observar e ajudar psitacídeos:

Eu primeiro viajei para a Indonésia em 2001 – não surpreendentemente, para Seram. Na época era, e continua a ser, um lugar mágico. Eu também tive a boa sorte de observar psitacídeos no Brasil, Equador, Belize, Costa Rica, e Austrália.

A conexão com a Indonésia resultou em parte devido ao comportamento complexo, beleza, e inteligência que eu havia aprendido a apreciar, especialmente da *Cacatua moluccensis*, reforçada pela minha própria cacatua “China”. No entanto, ao mesmo tempo, eu vi que essas características espetaculares poderiam facilmente estagnar em cativeiro. Quando eu finalmente fui para Seram, eu fiquei imediatamente impressionado pela gentileza dos povos locais nas partes remotas do Arquipélago.

Eu nunca tive um acontecimento perigoso em 11 anos de visitas ali. Claro que a pobreza deprimente – assim como a geral falta de preocupação com o bem estar e conservação de aves – foram imediatamente chocantes também. Para ganhar a confiança e colaboração das pessoas, era vital demonstrar que não estávamos indo embora em um ano ou dois após terminarmos nosso trabalho. Tantos ocidentais já haviam vindo, estudado os animais e a floresta ali, e então foram embora quando completaram seus estudos.

Você se tornou amigo de muitas pessoas ao fazer conservação de psitacídeos na Indonésia. Como essas experiências o influenciaram?

Eu já tive tantas experiências incríveis! Uma que me ensinou muito e se destaca, mesmo após tantos anos se dá em relação a Sopi, um traficante de cacatuas na Ilha de Seram.

Um dia, Sopi falou para mim: “Pai, nós sabemos que estávamos errados em capturar psitacídeos; você nos mostrou um caminho melhor.” Eu o lembrei de que os traficantes não haviam feito nada errado – eles apenas fizeram o que a pobreza os forçou a fazer. Não muito tempo depois disso, Sopi foi afetado por um câncer que rapidamente se espalhou pelo seu corpo e reduziu esse forte e orgulhoso homem a alguém frágil e bastante assustado.

Alguns meses mais tarde (era 2006), nós retornamos a Seram para a primeira soltura de cacatuas reabilitadas de volta à natureza. Imediatamente após a soltura, nós literalmente corremos até a vila para ver como Sopi estava passando.

Nos contaram que ele havia morrido apenas há alguns minutos atrás, simultaneamente com a soltura das cacatuas. Logo antes de morrer, ele estava perguntando repetidamente “As aves já foram soltas?”.

Parece que Sopi recebeu sua liberdade do sofrimento quase precisamente ao mesmo tempo que as cacatuas receberam as delas. Ele morreu na mesma clínica onde nós, membros do Projeto Psitacídeos da Indonésia (IPP), construímos (com patrocínio da Seacology) para os habitantes da vila.

Fui convidado para o funeral, uma honra raramente dada a um estrangeiro, e me pediram para sentar ao lado de Sopi na presença de sua única viúva e da Pastora. Eu então tive a honra de ser o primeiro a espalhar pétalas sobre sua tumba.

Minhas valiosas interações com Sopi põe um rosto humano sobre os traficantes de aves e nos lembra que não existe justificção para demonizá-los. Sopi também me fez perceber que a pobreza não pode esconder a bondade fundamental que existe em muitas pessoas.

Qual você acha que foi o trabalho mais bem sucedido para melhorar o bem estar de aves em cativeiro? Como acontece na Indonésia, a educação (uma “mudança de paradigmas” na maneira que nós “vemos” e tratamos os psitacídeos em cativeiro), reforçado por melhor legislação, proporciona a melhor maneira de prover o bem estar a longo prazo.

As melhoras no tratamento veterinário continuam vitais. Ironicamente, os princípios para um tratamento caridoso de psitacídeos foram na verdade descritos por alguns escritores há tanto tempo como no século 18 na França e no século 19 na Inglaterra e somente recentemente foram “redescobertos” pelos comportamentalistas de psitacídeos.

Conte-nos mais sobre o Projeto Psitacídeos da Indonésia:

O IPP começou realmente em 1999 como “Projeto de observação de Aves”. Eu me tornei Diretor em 2002, quando modificamos nosso nome para IPP. Acredito que os sucessos primeiro são dependentes de ensinar as crianças sobre a necessidade de conservar a sua herança natural

Ver as orgulhosas e animadas crianças de Seram observarem a soltura de cacatuas de volta à natureza é uma grande parte desse programa. Eu considero nosso Programa de Reabilitação e Soltura em Seram um grande sucesso – não por causa do relativo pequeno número de cacatuas de Seram que libertamos (quase 150), mas porque essas solturas, com a festa que a acompanha, tem ajudado as crianças a apreciarem a natureza especial dessas aves.

Depois de trabalhar por aproximadamente oito anos em Seram, nós dirigimos nosso foco para as Cacatua sulphurea, especialmente a super ameaçada Cacatua de Abbott, nos últimos cinco anos. Já que existem apenas 15 indivíduos remanescentes na natureza, esse trabalho tem a possibilidade de proporcionar ganhos muito produtivos, senão críticos, para a conservação. Nós pudemos continuar nossos estudos com patrocínios recentes do Loro Parque e da Disney, e agora especialmente começamos um esforço em colaboração com o World Parrot Trust.

Quais você considera os problemas de conservação mais importantes para os psitacídeos na Indonésia?

A captura e destruição do habitat são os principais problemas, apesar de que os riscos variam de espécies para espécies. Esses problemas podem ser melhor endereçados, em minha opinião, através da educação com a provisão de recursos sustentáveis para permitir a subsistência que não seja dependente do tráfico. Para a IPP, “educação” foi incorporada em nosso programa C-C-O para as crianças.

Esse programa está sendo liderado pelos nossos formidáveis colaboradores indonésios Dudi Nandika e Dwi Agustina, em nossa ONG “irmã”, Konservasi Kakatua Indonesia (Conservação das Cacatuas da Indonésia”).

Nosso trabalho fazendo expedições ecológicas, colaborando com as autoridades de Seram para combater ativamente o tráfico, e trabalhando com novas leis para proteção dos psitacídeos, foram, eu acredito, úteis mas grandemente restritas ao Norte de Seram e portanto de valor de longo prazo e disseminado limitado.

No entanto, todos nós na IPP estão orgulhosos que estes esforços tenham levado ao término de toda a captura na área onde trabalhamos – demonstrando que esse modelo pode ser usado com sucesso para reduzir ou mesmo eliminar o tráfico. A preservação do habitat para esses psitacídeos longevos vai lado a lado com isso. A BirdLife Indonésia (agora chamada Burung Indonésia) descreveu melhor: “Você gostaria de viver em uma gaiola?”.

Os psitacídeos me trazem muita alegria e enriquecem minha vida. Eu acredito que todos que realmente “amam psitacídeos” precisam retornar esse débito tanto pelas aves em cativeiro como na natureza de qualquer maneira que possam. Se pudermos fazer isso, podemos receber as recompensas que excedem em muitos os “custos”, especialmente a emoção de ver essas aves miraculosas voando livres em seu lar na natureza.

Fotos:

(*esquerda acima*) Stewart com uma *C. sulphurea* que ele encontrou escondida em um Mercado de aves.

(*acima*) Uma Cacatua-das-Molucas (*C. moluccensis*) após a reabilitação.

(*ao fundo*) Esse grupo talvez represente a população inteira de *C. abbotti* em uma única foto.

Uma estória de dois periquitos

Escrito por Bethany Jackson e Claire Raisin

Por todo mundo os programas de conservação de psitacídeos estão lidando com uma variedade crescente de ameaças. Sem dúvida, as mais sensíveis destas populações ameaçadas são os endêmicos de ilhas – que não podem ser encontrados em nenhum outro local. Não somente essas espécies tem que lidar com predadores introduzidos e competição, a destruição do habitat e invasão urbana, eles também tem que fazer tudo isso dentro das limitações geográficas de uma ilha.

Muitas destas populações tem baixa variabilidade genética devido a efeitos com populações fundadoras, gargalos populacionais e pequena quantidade em números. Isso pode reduzir a habilidade da população em responder a mudanças ambientais rápidas ou ameaças tais como novas doenças.

O ameaçado Periquito-das-Ilhas-Maurício (*Psittacula echo*) é uma estória de sucesso da conservação, tendo sido recuperado de aproximadamente 20 aves existentes nos anos 80. É o último psitacídeo endêmico nas ilhas Mascarenhas no Oceano Índico.

Os periquitos agora sobrevivem numa ilha que tem menos de 1% da cobertura de floresta nativa, com competidores introduzidos e predação por gatos e ratos apresentando uma ameaça constante. Em 1987, A Fundação para Vida Selvagem de Maurício (MWF), o Serviço Governamental de Conservação e de Parques Nacionais de Maurício (NPCS) e diversas organizações internacionais de conservação começaram um programa de recuperação para salvar essa importante espécie.

Como resultado de ações de administração intensivas que incluíram o monitoramento de ninhos, auxílio na criação de filhotes, e alimentação suplementar, a população aumentou para uma estimativa de 300 aves em 2005 e parecia certa de continuar crescendo.

Tudo parecia ir bem.

Atravessando o Oceano Índico, a estória era a mesma, mas com diferentes personagens. Os psitacídeos da Nova Zelândia evoluíram em isolamento, livres de mamíferos predadores e alteração causada por humanos.

Eles desenvolveram algumas características singulares e extraordinárias, exemplificadas pelo grande, terrestre, e noturno Kakapo (*Strigops habroptilus*). Com a chegada dos humanos veio a destruição do habitat e a introdução de arminhos, ratos e gatos.

Essa coleção de novas ameaças deixam um rastro através das populações nativas, causando a extinção de ao menos 51 espécies na Nova Zelândia em apenas 150 anos. Muitos, tais como o Kakariki (*Cyanoramphus novaezelandiae*) agora são raramente vistos nidificando no continente onde essas ameaças ainda existem. Ao invés disso, eles sobrevivem na maior parte em ilhas costeiras livres de predadores.

A Nova Zelândia é a líder nos projetos de restauração insulares, removendo predadores e restaurando o habitat para permitir a persistência e recuperação de muitas espécies nativas de aves. O Santuário aberto da Ilha Tiritiri Matangi é um destes paraísos para espécies ameaçadas. A ilha foi convertida nos anos 80 de uma área agrícola infértil em uma arca para a flora e fauna, através de esforços inspiradores de um exército de voluntários que plantaram mais de 300.000 árvores durante um período de 10 anos.

A remoção ativa de todas as pragas de mamíferos, e o manejo contínuo pelo Departamento de Conservação e o grupo da comunidade de voluntários (voluntários da Tiritiri Matangi), permite que 30.000 visitantes a cada ano experienciem uma ilha viva com cantos das aves nativas. O Kakariki é abundante nessa ilha, com sua plumagem verde vibrante, orgulhosa fronte vermelha, e vocalizações tagarelas características.

Recentemente os pesquisadores encontraram que existe algo mais que estes dois periquitos tem em comum – a Doença do Bico e das Penas (também conhecida como PBFDF). Mais do que somente um contratempo, esse vírus podem ser uma ameaça séria para algumas espécies, com as aves jovens morrendo, e adultos sucumbindo após meses de perda de penas e colapso do sistema imunológico.

Esse é um desafio que qualquer espécie poderia ficar sem passar, menos ainda o ameaçado Periquito-das-Ilhas-Maurício, ou as populações em recuperação dos Kakariki. Tendo sobrevivido a desafios associados com a colonização humana, estes dois periquitos agora enfrentam uma nova, e talvez mais insidiosa, ameaça – uma que pode afetá-los mesmo nos habitats mais intocados.

A medida que estamos aprendendo, o impacto desse vírus na natureza é complexo e o desafio para o manejo de conservação dessas aves é entender as diferentes maneiras nas quais se apresenta.

Em 2008, a PBFDF foi detectada pela primeira vez em Kakariki selvagens da Ilha Little Barrier, pelo pesquisador Dr. Luis Ortiz-Catedral. Desde então, a Tiritiri Matangi e Fiordland (Ilha Sul) também confirmaram a presença da doença.

A PBFDF foi descoberta no Periquito-das-Ilhas-Maurício em 2006 pela equipe de campo da Fundação para Vida Selvagem de Maurício, e foi associada com alguma mortalidade nessa espécie. Os pesquisadores do Instituto Durrell de Conservação e Ecologia no Reino Unido, desde então detectaram o vírus em amostras de sangue tiradas de aves antes e depois do aparente surto da doença.

Apesar de que a população do Periquito-das-Ilhas-Maurício agora exceda 500 aves (*PsittaScene, Agosto de 2010*), a doença ainda é causa para extrema preocupação.

Sabendo a quão contagiosa a PBFDF pode ser, a equipe de campo do projeto teve que rapidamente modificar a maneira que a população era manejada. Todas as técnicas invasivas tais como o resgate, manipulação de ninhadas, cria manual, uso de pais adotivos e solturas foram paradas imediatamente e outras aves não foram trazidas para cativeiro.

O programa de manejo assumiu uma aproximação muito menos invasiva e a partir deste ponto, não importando quão mal um filhote estava se desenvolvendo na natureza ele não seria retirado de seus pais. Esperava-se que esses passos iriam reduzir a disseminação de pó de penas contaminadas e de material entre os ninhos. Um programa de amostragem sistemática para a PBFDF também foi iniciado com todos os filhotes e juvenis sendo testados. As aves adultas também eram regularmente amostradas para determinar seu status para a infecção.

Na Nova Zelândia, o Departamento de Conservação e pesquisadores locais lançaram uma resposta para pesquisar psitacídeos através das duas principais ilhas, tentando determinar a distribuição deste vírus, e se ameaçaria psitacídeos mais criticamente ameaçados tais como os Kakariki fronte laranja (*Cyanoramphus malherbi*) e o Kakapo.

A Rosella do leste (*Platycercus eximius*), um espécie exótica a Nova Zelândia, mas estabelecida principalmente na Ilha Norte desde o começo de 1900, são sabidamente reconhecidas por serem portadoras do vírus e provavelmente o mantém na natureza. O

desafio para os conservacionistas de populações endêmicas de psitacídeos da Nova Zelândia é determinar o papel que as rosellas podem ter como reservatórios da doença.

Se elas são capazes de manter a doença numa prevalência maior, a sua presença pode limitar as opções para a restauração de espécies nativas onde os psitacídeos nativos e rosellas introduzidas coexistem na natureza. Dado que o objetivo principal para a conservação de psitacídeos na Nova Zelândia é através de programas de reintrodução e translocação, compreender onde o vírus ocorre é crítico para informar as decisões de manejo de acordo com o movimento das aves.

Doença e conservação

O problema de doenças afetando o status de conservação de aves selvagens não é novidade, e os riscos de doenças emergentes se tornaram mais proeminentes com alguns exemplos recentes dramáticos. Em 1999, com os Corvos americanos (*Corvus brachyrhynchos*) se relatou que estavam literalmente caindo dos céus na cidade de Nova York.

Não demorou muito antes dos cientistas descobrirem que o Vírus do Oeste do Nilo havia alcançado a América, e estava infectando e causando mortalidade numa variedade de espécies de aves, assim como em humanos. Os corvos pareciam ser particularmente suscetíveis, e pesquisas sugeriram que em alguns estados o decréscimo de até 60% da população havia ocorrido.

O impacto nos corvos foi tão óbvio, que eles se tornaram um indicador confiável da disseminação do vírus, e as mortes de corvos se tornaram uma das ferramentas de vigilância utilizadas para monitorar essa doença.

Felizmente, a emergência da PBFDF na maior parte das populações não é tão apocalíptica. O vírus frequentemente causa mortes somente em aves muito jovens, portanto é menos comum de ver uma população realmente desaparecer. No entanto, pode ser que os efeitos sutis tais como a falha na reprodução, e morte de ovos e filhotes sejam mais difíceis de ser vistas em uma população selvagem, e podem causar efeitos de longo prazo para os programas de recuperação.

Para pequenas populações de aves ameaçadas, mesmo uma baixa taxa de mortalidade pode ter um impacto significativo na viabilidade de longo prazo da espécie. Estes efeitos podem ser particularmente severos quando se considera seus impactos nos indivíduos fundadores de novas populações que resultam de translocações ou projetos de reintroduções.

A disseminação global de doenças não é um conceito novo, no entanto a PBFDF apresenta um estudo de caso interessante. Como ela atingiu o restante do mundo de sua origem presumida na Austrália? Que papel o comércio legal e ilegal de psitacídeos tem na disseminação do vírus? Ela realmente se originou na Austrália?

Os experts em virologia e estudos de biologia molecular ainda estão testando a possibilidade de múltiplas cepas de vírus que podem incluir variantes que se originaram em

outros países. Os estudos moleculares levaram a uma aproximação do tipo CSI com essa doença, traçando suas origens e seguindo seus movimentos.

Com a tecnologia que nos permitiu determinar cada “assinatura” genética dos vírus, nós podemos agora desmembrar em separado as maneiras nas quais este vírus se modifica e se espalha. A chave para o entendimento da história e origens da PBFDF está neste nível de investigação – a impressão digital do DNA do vírus. Essa é uma parte do quebra-cabeça que nos irá ajudar a compreender e talvez lidar com essa ameaça.

Entendendo a ameaça

Apesar de que nós sabemos muito sobre a PBFDF, particularmente em aves de estimação, existe muito a ser aprendido sobre a maneira que esse vírus afeta as populações selvagens, particularmente aquelas sob pressão de outras ameaças e pequenas populações.

A PBFDF não causa os mesmos sintomas ou taxas de mortalidade em todas as espécies, e os exames, embora muito mais avançados nos dias de hoje, ainda tem algumas limitações que dificultam ainda mais nosso entendimento. A maneira que os países lidam com essa doença irá depender das espécies de psitacídeos que eles possuem, o ambiente nos quais essas espécies existem, as ameaças locais e outros fatores de estresse tais como a alteração do habitat, mudanças climáticas, e talvez o que é mais importante, a maneira na qual o país prioriza a conservação de suas espécies nativas.

O que podemos fazer?

Embora vacinas tenham sido desenvolvidas e são teoricamente possíveis, os custos para trazer essas ao ponto da disponibilidade comercial e testá-las em larga escala em uma variedade de espécies muito ameaçadas, significa que é difícil que se torne uma opção real para o futuro.

É bem possível que muitas das cepas selvagens de PBFDF ao redor do mundo tenham sido resultado de escapes acidentais ou deliberados de psitacídeos de estimação ou espécies exóticas na natureza. Ao cativar e educar os proprietários de psitacídeos de estimação sobre os riscos para os psitacídeos locais/nativos, e sobre a posse responsável é uma parte crucial de lidar com qualquer futuro surto tanto na Nova Zelândia como em Maurício, assim como em outros locais prioritários de conservação de psitacídeos. Existem muitas outras doenças que podem ser levadas para a natureza desta maneira.

O comércio ilegal de psitacídeos, pela natureza de ser feitos às escondidas, não está sujeito a medidas padrão de quarentena ou identificação de doenças durante o transporte de indivíduos. Globalmente, o comércio ilegal de vida selvagem é considerado o segundo em relação ao de drogas, e um risco bastante difícil de quantificar. A expansão histórica da PBFDF se deu em grande parte devido tanto ao comércio legal e ilegal de vida selvagem.

No entanto, em países como a Nova Zelândia com as atuais restrições de importação de psitacídeos exóticos, é através do comércio ilegal que ocorre um risco contínuo para a introdução de novas cepas, assim como doenças exóticas. O comércio ilegal é estimulado

pelo contínuo aumento de preços e demandas por espécies que tanto são listas pela CITES, ou sujeitas a restrições de comércio impostas por diversas políticas nacionais.

Os impactos deste comércio são sentidos em muitos níveis; não somente através dos riscos de doenças, mas através da remoção de indivíduos reprodutores de espécies frequentemente ameaçadas ou criticamente ameaçadas que podem ter impactos de longo prazo na sobrevivência de pequenas populações. Ao entender estes impactos, assim como os riscos de disseminação de doenças, e auxiliar as autoridades locais para vistoriar esse comércio, são componentes vitais da conservação de psitacídeos em todo o mundo.

Uma parte importante do manejo de conservação para espécies ameaçadas de psitacídeos em todo o mundo é através da reintrodução de aves em novas áreas e criar populações de reserva, assim como prover variados níveis de manejo intensivo. É importante que aprendamos mais sobre a PBFd de modo que possamos compreender os impactos desta doença nas populações já estabelecidas ou em recuperação.

O manejo ativo de espécies ameaçadas também pode introduzir ameaças de doenças através de translocações, e, portanto, os conservacionistas tem um papel vital em controlar a disseminação desta e de outras doenças. No entanto, mesmo donos de psitacídeos de estimação podem ajudar a lidar com essa ameaça, através da posse responsável, educação de outros donos de psitacídeos, e prevenindo solturas acidentais.

Agradecimentos especiais para: Departamento de Conservação da Nova Zelândia, para a SoTM (Voluntários de Tiritiri Matangi), Universidade de Murdoch, equipe do Zoológico de Auckland e Fundo para Conservação do Zoológico de Auckland; Dr Arvind Varsani, Virologista molecular na Universidade de Canterbury que processou a maior parte das amostras sem custos de modo a melhor estudar esta doença.

Bethany Jackson é Doutorando na Universidade de Murdoch estudante a PBFd em psitacídeos da Nova Zelandia. Ela é veterinária se dedicando à medicina de conservação e trabalhou tanto clinicando como em projetos de conservação na Austrália, Nova Zelândia e América do Sul.

Claire Raisin tem interesse em manejo de conservação e genética de populações pequenas e em recuperação. Durante seu doutorado ela estudou a disseminação da PBFd, a endogamia e diversidade genética do Periquito-das-Ilhas-Maurício e os impactos de manejos de conservação de espécies em recuperação.

Legendas:

Em duas ilhas diferentes, duas diferentes espécies de psitacídeos – o Kakariki (esquerda) e o Periquito-das-Ilhas-Maurício (acima) – enfrentam um desafio com uma famosa doença.

A Doença do Bico e das Penas foi encontrada tanto na Nova Zelândia em Maurício. O dano às penas pode ser terrível (abaixo) e a consequência mortal. Se a ave sobreviver à infecção, ela pode carregar sinais permanentes (acima).

As aves tais como esse Kakariki são primeiramente cuidadosamente capturadas em redes de neblina. Cada uma é então testada para uma série de doenças utilizando amostras de penas, sangue, fezes e pele.

As aves são liberadas sem dano e os conservacionistas utilizam os resultados dos exames para ajudar a breçar a disseminação da doença, um risco real para espécies ameaçadas ou em recuperação como estas.

Parrot News

CITES falha na proteção dos Papagaios-do-Congo

O comitê da CITES (Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas) recentemente aprovou a exportação anual de 3.000 Papagaios-do-Congo dos Camarões.

Apesar dos melhores esforços do World Parrot Trust e de mais de 42.000 assinaturas que apoiaram nossa petição contra o comércio de Papagaios-do-Congo nos Camarões e Congo, a legislação da Cites falhou completamente em proteger as aves do comércio insustentável, ignorando ciência de ponta, a opinião pública global, e os termos de sua própria convenção.

Ao invés de governar para proteger essa espécie globalmente ameaçada, eles escolheram ao invés disso em reabrir o comércio nos Camarões, permitindo que 3000 aves por ano sejam agora legalmente exportadas deste país. Como resultado, 6000 aves serão retiradas da natureza já que em média 50% destas aves morrem entre a captura e a exportação. A CITES também falhou em suspender o comércio da República Democrática do Congo. Isso ocorrendo apesar de que o Congo repetidamente exceda sua cota anual de 5.000 aves.

Mas nós continuaremos a lutar! O comércio de aves capturadas da natureza foi devastador para os Papagaios-do-Congo e de Timneh – com declínios populacionais massivos ocorrendo em quase todos os países onde são encontrados.

Mas, apesar deste revés com a CITES, a tendência é bastante positiva: há dez anos atrás, sete países exportavam essas aves; hoje em dia são somente dois. Naquele tempo, mais de 30.000 aves estavam sendo exportadas legalmente a cada ano; hoje em dia a cota combinada está limitada a 8.000 aves – um declínio de mais de 70% em uma década.

Nos próximos meses o WPT irá redobrar seus esforços através de:

- Fazendo pressão para garantir que as duas espécies – Congo e Timneh – sejam colocados no Apêndice I (significando que nenhum comércio é permitido).
- Auxiliando os governos locais para combater o comércio.
- Apoiando esforços para resgatar, reabilitar e soltar aves confiscadas de volta à natureza.

Petição pelos papagaios – em números

Nossa petição através do site change.org para o Secretariado da CITES pediu que o Comitê da Cites suspendesse todo o comércio de Papagaios-do-Congo (*Psittacus erithacus*) da República Democrática do Congo e Camarões.

A resposta foi tremenda. Em apenas 10 dias nós ultrapassamos nosso objetivo de 40.000 assinaturas e entregamos a petição para a CITES. Embora no final, eles tenham falhado na

proteção das aves, nós estamos emocionados pelo nível de preocupação e apoio para esse trabalho vindo de todo o mundo.

Total de assinaturas = 41,387

Total de países e territórios: 139

País	Quantidade
Estados Unidos	30,789
Japão	1,433
Reino Unido	2,049
Canadá	1,081
Austrália	612
Alemanha	272

Lista completa por países no site psittascene.org

Fonte: <http://www.parrots.org/flyfree/cites-results.html>

Eventos

Think Parrots 2012

Woking Leisure Centre, 20 de Maio

O World Parrot Trust teve o orgulho de ser parte desse novo tipo de evento. A reunião incluiu diversas barracas oferecendo tudo que um dono de psitacídeo poderia querer. Uma exibição de aves voando fez o maravilhoso trabalho de demonstrar a possibilidade de treinar o psitacídeo de estimação para viver felizmente dentro do ambiente familiar.

Um enorme auditório para palestras exibiu quatro palestrantes: Neil Forbes, John Hayward, Rosemary Low e David Woolcock discutindo cuidados veterinários, Dieta e nutrição, comportamento, treinamento e enriquecimento, segurança e reprodução.

O WPT teve uma barraca bastante popular e angariou mais de £1,040.44.

-David Woodcock, Paradise Park

Treinando com Arte e Ciência

Natural Encounters, Winter Haven, FL

2 a 7 de Fevereiro, 2013

Nesse workshop de 5 dias os inscritos irão aprender as ferramentas para efetivamente e de maneira humana criar um relacionamento que irá enriquecer tanto seus psitacídeos quanto a si mesmos.

☐ (407) 938-0847

☐ www.naturalencounters.com

Soltura de psitacídeos em Bonaire

Em Julho de 2011, 112 filhotes de psitacídeos, incluindo 16 Papagaios-das-Ilhas-Margarita, foram confiscados de um traficante em Bonaire. Este Amazona, Sid, chegou como um

filhote de apenas uma semana de idade. Ele foi solto este verão pelo grupo de conservação local, Echo.

Erramos

Na contracapa da edição de Maio de 2012 nós orgulhosamente exibimos a excelente foto de Steve Murphy de um Papagaio dos figos (*Cyclopsitta diophthalma marshalli*). Nós afirmamos que ele é o único psitacídeo australiano a escavar seu próprio ninho numa árvore a partir do zero.

Bom, tal afirmação é contraditória! O Papagaio-de-bochecha-vermelha (*Geoffroyus geoffroyi*) com subespécies através da Indonésia, Nova Guiné e Norte da Austrália, também escava sua própria cavidade. Obrigado pela sua leitura atenciosa!

Mais online:

- Links para todos os anos de cobertura e relatórios sobre a Arara-de-garganta-azul
- Fotos extras da Arara-de-garganta-azul
- Um relato completo do trabalho de campo com a Cacatua sulphurea
- Links para todos os websites de nossos artigos, notícias e eventos.

www.psittascene.org

Línguas disponíveis: Holandês, Alemão, Italiano, Português, Espanhol e Sueco.